



LÚDICO E O AUTISMO: O USO DA BRINQUEDOTECA COMO ESPAÇO DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TEA

Gleiciania Maria Gonçalves de Oliveira¹
Carlos Anderson Soares Bezerra Pereira²
Fabrícia Gomes da Silva³

RESUMO

Atendendo ao fato de que a criança com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), geralmente, tem dificuldade em simbolizar e socializar, a brinquedoteca pode ser útil se o mediador a ajudar nesse espaço, estimulando sua criatividade e interação. O propósito do presente trabalho é analisar a brinquedoteca como um espaço de inclusão para crianças com Transtorno do Espectro Autista, destacando o lúdico como auxiliar do desenvolvimento infantil. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa foram analisados seis estudos na área. As análises realizadas verificam que a brinquedoteca tem um papel crucial na inclusão de crianças com TEA, uma vez que o lúdico presente nesse ambiente pode auxiliar na diminuição gradativamente de dificuldades apresentadas por essas crianças, já que o espaço propicia um cenário repleto de alternativas para o seu desenvolvimento. Essa premissa, contribui para que esse espaço seja visto como uma ferramenta de inclusão. Conclui-se que a brinquedoteca é um instrumento de inclusão, uma vez que o lúdico colabora para o desenvolvimento de crianças com TEA.

Palavras-chave: Brincar; Interação social; Autismo infantil.

INTRODUÇÃO

O brincar pode possibilitar a criança aprender em companhia do outro, desenvolvendo a sua interação social, estimulando a criatividade, a coordenação motora, o raciocínio lógico e o conhecimento da realidade. Brincando ela vivencia o social no lúdico. Quando imagina-se, por exemplo, andando a cavalo e para isso faz uso de um objeto como a vassoura para simular esse animal, ou quando fantasia estar navegando em uma nave espacial pelo universo, e para isso usa uma caixa de papelão. Nessa perspectiva nota-se o uso da imaginação e criatividade.

¹Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí-UESPI, gleiciana.oliveira18@gmail.com;

²Graduado pelo Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Piauí-UESPI, carlosbioo26@gmail.com;

³Professora orientadora: Graduação em Pedagogia, Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Efetiva pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI/Picos-PI, fabriciagomess@hotmail.com.



A brinquedoteca é um ambiente lúdico e, geralmente, se encontra “recheada” de elementos que podem colaborar para o desenvolvimento da criança. Crianças de diferentes realidades, podem brincar juntas desenvolvendo as funções psíquicas superiores. Penatieri, Chicon e Araújo (2019), expõem como o brincar da criança colabora para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores uma vez que, a brincadeira auxilia no processo de autorregulação, possibilitando um maior nível de domínio do próprio comportamento e de ação voluntária em razão do meio em que vive.

As crianças com autismo apresentam peculiaridades, entre as mais comuns está o interesse restrito, a estereotipia, hipersensibilidade, atraso na fala, apego à rotina e as comorbidades. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais em sua 5ª edição (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014), apresenta as características fundamentais do Transtorno do Espectro Autista (TEA) que podem estar presentes desde dos primeiros anos de vida e limitam ou prejudicam o funcionamento diário, essas características são descritas como prejuízo perseverante na comunicação social recíproca e na interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, em interesses ou atividades. Steinbrenner (et al. 2020), trazem que prejuízos na comunicação social podem levar a resultados que terminam em engajamento limitado nas interações sociais com pares e no estabelecimento de relações sociais.

O lúdico da brinquedoteca e o brinquedotista podem auxiliar na diminuição gradativamente dessas peculiaridades, uma vez, que o ambiente da brinquedoteca propicia um cenário repleto de alternativas para o desenvolvimento da criança autista. Chicon, Oliveira e Rocha (2019), reafirmam que esse ambiente é uma ferramenta que evidencia um importante cenário na qual vias alternativas podem ser pensadas para a inclusão de crianças com TEA e para a realização de atividades lúdicas que favoreçam seu desenvolvimento.

Diante do exposto, objetivou-se nesse estudo: Conhecer sobre o Transtorno do Espectro Autista; Apresentar o lúdico como auxílio no desenvolvimento infantil; Analisar a brinquedoteca como ambiente de inclusão para crianças com TEA.

METODOLOGIA

O presente trabalho organiza-se como uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo onde, através das literaturas, a saber: Vygotski (1991); Oliveira e Padilha



(2016); Silva, P. (et al., 2018); Chicon, Oliveira e Rocha (2019); Silva, M. (et al., 2019); Humeet (et al., 2020); dentre outras, buscou-se conhecer para avaliar e evidenciar a participação da brinquedoteca para a inclusão das crianças com o Autismo. Tais literaturas foram adquiridas em pesquisas em plataformas de cunho científico (*Google Scholar, SciELO, ResearchGate*), sendo avaliadas as informações disponibilizadas nas mesmas sobre o tema proposto. Foram avaliadas onze literaturas como material de análise e discussão geral, da qual seis delas foram usadas nos resultados e discussão por se tratarem especificamente do lúdico e autismo como auxiliar do desenvolvimento infantil.

AUTISMO, LÚDICO E BRINQUEDOTECA

O Transtorno do Espectro do Autismo é composto por prejuízos e desordens do desenvolvimento neurológicos que estão presentes desde do começo da infância. Segundo Junior (2020), não há o conhecimento de todas as causas, no entanto, há evidências de que fatores genéticos são os mais relevantes na determinação das causas, além de fatores ambientais e a idade paterna avançada ou o uso de ácido valpróico na gravidez. Segundo o DMS-5 (2013, p. 853):

O transtorno do espectro autista é um novo transtorno do DSM-5 que engloba o transtorno autista (autismo), o transtorno de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância, o transtorno de Rett e o transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação do DSM-IV. Ele é caracterizado por déficits em dois domínios centrais: 1) déficits na comunicação social e interação social e 2) padrões repetitivos e restritos de comportamento, interesses e atividades (DSM-5, 2013 p. 835).

O conhecimento sobre o autismo colabora para desenvolvimento de estratégias e inclusão nos mais diversos ambientes. Existem leis que asseguram e explicam os direitos que a pessoa com autismo tem perante a sociedade. O TEA passou a ser amplamente classificado como deficiência por meio da Lei 12.764, em 27 de dezembro de 2012, a qual institui uma política nacional de proteção dos direitos da pessoa com TEA, sendo caracterizado o transtorno como uma deficiência com dificuldade na comunicação e interação social e por padrões restritos e repetitivos nos comportamentos e nos interesses (BRASIL, 2012).



Conhecendo a definição do transtorno, é possível compreender a forma que a brinquedoteca colabora para o desenvolvimento da interação social e inclusão da criança com autismo, por meio do lúdico. Segundo Silva, Souza, Guimarães, (et al., 2020), o ambiente da brinquedoteca é um espaço rico para a experiência da cultura lúdica a ser vivenciada por futuros educadores, mediadores e brinquedistas, que busca experiência para aprimorar práticas no processo de aprendizagem da criança. A inclusão da criança com autismo, pode torna-se efetiva nesse espaço, uma vez que o adulto responsável busca por meio do lúdico a estratégia que mais se adequa a necessidade da criança.

A inclusão possibilita a todos os grupos o direito de participar dos diversos ambientes de forma igualitárias, baseada na equidade. Antes da inclusão ganhar força, pessoas com deficiência ou algum tipo de transtorno viviam à margem da sociedade, sua realidade era de abandono. Barbosa, Peres e Przylepa (2020), trazem essa vertente onde por muito tempo os indivíduos com deficiência viviam as margens da sociedade, sendo excluídos, abandonados, aprisionados em seus lares e isoladas em instituições que eram responsáveis pelos seus cuidados, configurando uma realidade de abandono e desprezo tanto pela sociedade, quanto pelo Estado. A ideia de inclusão vem com uma proposta de mudança para a realidade das pessoas com deficiência, transtorno, superdotação e/ou alguma atipicidade, ofertando-lhes mais qualidade de vida, porém é ainda um processo não visível em muitos contextos.

A inclusão da criança com Transtorno do Espectro Autista ocorre gradativamente em um processo que requer o uso da igualdade, possibilitando que ela participe de ambiente e atividades das quais outras crianças estão inseridas, bem como uso da equidade, uma vez que a pessoa com TEA em algumas circunstâncias necessita de um cuidado diferenciado. Silva, M. (et al., 019), expõem que ao nascer com autismo o indivíduo, tem direito a um cuidado diferenciado, porém não significa que eles devem ser vistos como incapazes.

O autismo possui três níveis que vão do I ao III: leve, moderado e grave, diante da variedade de níveis, a equidade se faz necessária. Segundo o DSM-5, (2013), os níveis requerem um apoio diferente de acordo com o grau, o nível 3 exige um apoio muito substancial, o 2 exige um apoio substancial e o 1 exige apoio.

Brincar contribui para o desenvolvimento da criança, uma vez que aguça o raciocínio, a imaginação, colabora para o desenvolvimento das relações sociais,



desperta a autonomia de ação, organiza as emoções, ou seja, torna possível que o indivíduo experimente o mundo de forma divertida e descontraída. A inclusão para o autista precisa ser pensada de forma individual, em decorrência que cada uma apresenta suas singularidades, e a brinquedoteca pode oferecer esse planejamento. O brinquedotista ou mediador que esteja responsável por esse espaço deve analisar as atividades que mais chamam a atenção da criança e as desenvolver no ambiente, assim, essa criança terá mais motivos para interagir com os seus colegas.

Os brinquedistas responsáveis pela brinquedoteca como espaço de inclusão necessitam planejar qual a forma de inserir a criança com autismo nesse ambiente de maneira que ela aos poucos consiga interagir com os demais.

Considerando que as crianças aprendem e se desenvolvem na interação com o meio físico e social e que as brincadeiras desempenham funções importantes no desenvolvimento cognitivo-linguístico, sensorial-motor e socioafetivo, é fundamental discutir as ações dos brinquedistas de modo a se aproximar da criança e incentivar seu contato com outras crianças, bem como a brincadeira compartilhada. (PENATIERI, CHICON E ARAÚJO, 2019 p. 29).

A criança com TEA apresenta dificuldade de interação e comunicação, e quando não há o planejamento das ações que serão desenvolvidas, a inclusão pode não ocorrer, visto que a pessoa com autismo poderá ficar isolado. O atendimento individual dessas crianças se faz necessários para que haja a observação das brincadeiras preferidas, dos brinquedos favoritos, dos livros que aguçam a sua imaginação, para assim planejar as ações que irão incluir e as auxiliar a interagirem com os demais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisados seis literaturas que tratam sobre o Autismo e a Brinquedoteca como ferramenta facilitadora do desenvolvimento das relações sociais e inclusão das crianças com TEA. Diante dos resultados, a revisão da literatura evidenciou que, entre os raros estudos encontrados, o foco principal é a percepção do lúdico como auxiliar do desenvolvimento das habilidades sociais.

O artigo com o tema: “Crianças com autismo na brinquedoteca: modos de interação e de inserção nas práticas sociais” dos autores Oliveira e Padilha (2016), trazem como objetivo a análise das formas de interação e de inserção nas práticas



sociais por crianças com Transtorno do Espectro Autista que são gêmeas idênticas, durante a realização de atividades lúdicas na brinquedoteca universitária. Como resultados, as autoras enfatizam as dificuldades vivenciadas pelos estagiários na brinquedoteca, já que nem sempre a criança com TEA vai realizar as atividades pedidas para os participantes do grupo, e mesmo que a realize o sujeito pode não estabelecer uma relação social com as outras crianças presentes, então cabe ao estagiário buscar formas de ampliar as possibilidades de interação dessa criança com as demais. Mesmo diante das dificuldades e das tentativas sem sucesso houve ganho na interação social, as crianças começaram a participar das atividades e interagir com as outras crianças.

No artigo “Brinquedoteca, brincar para incluir: relato de experiência” os autores Silva, Souza, Guimarães, (at al., 2018), trazem como objetivo o relato de experiência de um projeto que objetivou promover o desenvolvimento do público infanto-juvenil em uma proposta inclusiva, através do lúdico presente na brinquedoteca universitária e do atendimento itinerante. Como resultados os autores enfatizam que o uso do lúdico presente na brinquedoteca associados a ações de caráter pedagógico, proporcionam inúmeros momentos de interação social e aprendizagem na vida das crianças.

O de tema: “A brinquedoteca e o atendimento às especificidades da criança com autismo” dos autores Chicon, Oliveira (2019), trazem como objetivo a análise da organização da brinquedoteca como um espaço de inclusão, que oportuniza a vivência lúdica para crianças com TEA e favorece a sua brincadeira. Como resultados, os autores enfatizam que o uso de estratégia que visam a organização, diminuíram a agitação e o barulho, a partir do controle do número de crianças no ambiente, elas passaram a se movimentarem com mais tranquilidade e o atendimento às suas necessidades passaram a ser realizadas com mais qualidade. As crianças com autismo não mais se sentiram incomodadas; Todas as crianças presentes começaram a se encontrar mais; ocorreu a redução de conflitos; os responsáveis pela brinquedoteca (estagiários), conseguiram organizar e conduzir melhores as atividades. No final o cenário teve como ganho uma qualidade no processo de ensino e de aprendizagem tanto para crianças típicas e atípicas.

O artigo: “A intervenção educativa na brincadeira da criança com autismo” dos autores Penatieri, Chicon e Araújo (2019), trazem como objetivo a análise das contribuições da intervenção educativa para o desenvolvimento do brincar de criança com TEA, em uma brinquedoteca que tenha como proposta a inclusão. Como resultados



os autores enfatizam o importante papel que o lúdico tem para expansão dos domínios social, afetivo e emocional, possibilitando a criança com autismo maior disponibilidade para uma aproximação e interação com outras crianças presentes no ambiente e com os brinquedistas.

O artigo: “O lúdico dos jogos e das brincadeiras no ensino inclusivo de crianças com transtorno do espectro autista (TEA): uma revisão de literatura” dos autores Silva, Oliveira, Campos, (et al., 2019), trazem como objetivo o lúdico como uma ferramenta de uso pedagógico e de inclusão e suas possíveis colaborações no processo de aprendizado do educando com autismo. Como resultados os autores enfatizam que as vivências lúdicas contribuem para o resgate da sensibilidade e da criatividade, assim, como promover melhorias na aquisição de conhecimento, o fortalecimento de habilidades, além de favorecimento de ações mais inclusivas

O artigo de tema: “O trabalho pedagógico do professor de apoio na inclusão de alunos com transtorno do espectro autista” dos autores Barbosa, Peres e Przylepa (2020), trazem como objetivo analisar a realização do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor de apoio na inclusão de educandos com autismo. Como resultados os autores enfatizam que uso do lúdico colabora para melhorar a compreensão dos conteúdos, assim, como a inclusão da pessoa com autismo colabora para desenvolvimento da socialização, comunicação e da interação de todos.

A brinquedoteca além da interação social pode ser um espaço facilitador para que a criança aprenda regras, essa é uma ferramenta essencial para crianças com autismo. Vygotski, (1991), estabeleceu um argumento concreto sobre subordinação do comportamento, na qual expressa que, em primeiro lugar, a criança se tornar capaz de subordinar seu comportamento às regras de uma brincadeira de grupo, e que apenas posteriormente surge a autoregulação voluntária do comportamento como função interna. Desse modo, o lúdico tem um papel de relevância no desenvolvimento comportamental da criança, brincando ela vai aprendendo regras que auxiliam no convívio em sociedade. Aos poucos a pessoa com autismo inserida no grupo com outras crianças consegue corresponder às regras que são propostas na atividade realizada na brinquedoteca, após essa criança autoregular voluntariamente o comportamento, ela consegue manter uma interação com o seu próximo.

Vygotski (1991, p. 60), complementa seu pensamento falando que:



Propomos que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em operação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança (VYGOTSKI, 1991, p. 60).

Assim, os estudos analisados deixam claro que brincando a criança desenvolve relação social, bem como sua autonomia, pontos de grande importância para a inclusão da criança com autismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na construção deste trabalho, com o aprofundamento da temática, percebemos que a criança com Autismo consegue adquirir conhecimentos que lhe permite desenvolver suas relações sociais ao longo do processo de aprendizagem, sendo o convívio e a interação com a sociedade plural e educacional um meio formador de suas relações.

O lúdico, dentro dessa perspectiva de melhoria da interação social da criança com Autismo, mostra-se como uma ferramenta pedagógica e didática eficaz no aperfeiçoamento das relações.

Visto que a pessoa com TEA necessita de um estímulo maior, a brinquedoteca proporciona uma gama de estímulos sociais que promovem a inclusão, a interação social e a sua autonomia, havendo a necessidade de mais estudos que elucidem sobre a brinquedoteca e sua ação transformadora nas relações sociais da criança com Autismo.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5**. 5 ed. Porto Alegre : Artmed, 2014.

BARBOSA, K. P.; PERES, C. P.; PRZYLEPA, M. O trabalho pedagógico do professor de apoio na inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Educação Especial em Debate**, v. 5, n. 9, p. 131-148. 2020.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei n. 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial da União: seção 1,



Brasília, DF, ano 149, 2012. p. 1. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/112764.htm>. Acesso em: 13 de setembro de 2020

CHICON, J. F.; OLIVEIRA, I. M.; ROCHA, J. P. A brinquedoteca e o atendimento às especificidades da criança com autismo. **R. bras.Ci. e Mov**, v.27, n. 4, p. 64-72, 2019.

PAIVA JUNIOR, F. O que é autismo?. **Revista Autismo**. Disponível em <<https://www.revistaautismo.com.br/o-que-e-autismo/>> Acesso em 13 de setembro de 2020.

OLIVEIRA, I.M.; PADILHA, A. M. L. Crianças com autismo na brinquedoteca: modos de interação e de inserção nas práticas sociais. **Comunicações**, v. 23, n. 3, p. 185-202. 2016.

PENATIERI, T. B. V.; CHICON, J. F.; ARAÚJO, F. Z. A intervenção educativa na brincadeira da criança com autismo. **Revista Educação Especial em Debate**, v. 4, n. 8, p. 22-37. 2019.

SILVA, M. D. da et al. The playful from games and play in inclusive teaching of children with autistic spectrum disorder (ASD): a literature review. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 8, n. 4, p. e1084943, 2019.

SILVA, P. S.; SOUZA, P. T. C.; GUIMARÃES, B. C. P.; et al. BRINQUEDOTECA, BRINCAR PARA INCLUIR: relato de experiência. In: **Políticas pública na educação: caminhos para inclusão**. v. 5. Ponta Grossa – PR: Atena Editora, 2018. p. 71-81.

STEINBRENNER, J. R. et al. (2020). **Evidence-based practices for children, youth, and young adults with Autism**. The University of North Carolina at Chapel Hill, Frank Porter Graham Child Development Institute, National Clearinghouse on Autism Evidence and Practice Review Team. Disponível em <<https://drive.google.com/file/d/1MrwDm1qvXC9ui-U2SxLucskQxdF9RVMX/view>> Acesso em 13 de setembro de 2020.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 4 ed. São Paulo: Editora Ltda, 1991.